

Pacarrete: Sensibilidade Artística e Representação do Feminino no Cinema de Sertão¹

Lucas Gabriel NUNES²

Maurício BARROS³

Raquel Assunção OLIVEIRA⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o filme *Pacarrete* (Allan Deberton, 2019) inspirado em uma história real de uma artista que deseja ser reconhecida pela cidade de Russas/CE. As discussões foram baseadas em leituras sobre imagens e semiótica (Joly, 2007). Dito isso, o trabalho analisa o espaço ficcional e personagens a partir da construção do feminino no cinema de sertão (Alves, 2023) e investiga a identidade nacional do Nordeste a partir da protagonista sertaneja (Debs, 2010). A metodologia busca descrever os recursos cinematográficos. E, ao fim, identificarmos que o filme apresenta ao público uma visão de desconstrução do imaginário brasileiro do cinema regionalista.

PALAVRAS-CHAVE: Pacarrete; Cinema de Sertão; Representação Feminina; Nordeste; Regionalismo.

INTRODUÇÃO

A cinematografia nordestina historicamente vem se tornando cada vez mais representada nas telas do cinema. Porém, ao analisar essas representações, podemos notar uma série de problemáticas em torno do espaço ficcional e das personagens, muitas vezes acompanhados de estereótipos e visões estereotipadas e desviantes do que seria o Nordeste. Nesse contexto, o “cinema proporciona observar uma realidade sensível. É como uma obra de arte, traz diferentes olhares, diferentes percepções que não temos como controlar, nem prever” (Lopes; Nagime, 2015, p. 17). Podemos aprimorar nossa perspectiva ao questionar se os filmes com temáticas nordestinas frequentemente se limitam à seca, à miséria e ao sofrimento.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Graduando em Publicidade e Propaganda pela Universidade do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: lucas060498@gmail.com.

³ Graduando em Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: mauriciobarrosjorn@gmail.com.

⁴ Professora Temporária no curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da UFRN. Mestre em Comunicação pela UFPE. E-mail: raquelassuncao@uern.br

Dito isso, essas narrativas refletem o quão equivocadas são as histórias contadas por quem enxerga de fora, muitas vezes perpetuando uma visão distorcida ou seguindo uma corrente cinematográfica que se apegua à mesmice do passado - na qual a carência era o ponto central ao abordar sobre os sertões. Essa abordagem é também evidente em clássicos da literatura como *O Quinze* (Queiroz, 2020) e *Vidas Secas* (Ramos, 2013). De fato, houveram tempos em que a miséria assolou o território nordestino, mas não deve-se limitar nossa crença de que esse cenário ainda exista, são outros tempos.

Nesse sentido, estamos diante de uma narrativa apoiada em objetos que fazem parte do imaginário do telespectador. Uma vez que, ao se debruçar no espaço geográfico - semiárido e caatinga - é estabelecido um conjunto de elementos que se tornam atrativos visualmente para a construção de determinadas obras que ressaltam a cultura, pessoas e peculiaridades em torno do Nordeste.

O questionamento que nos leva para este trabalho se internaliza sobre a seguinte pergunta: *como podemos desconstruir uma invenção do Nordeste limitada à escassez de seca e cultura?* Como ponto de análise, iremos investigar o filme *Pacarrete* (Allan Deberton, 2019) e as nuances presentes ao retratar os sertões numa perspectiva cinematográfica do feminino no cinema, centralizada na ideia de Guimarães Rosa: “o sertão é dentro da gente” (Rosa, 1994, p. 435).

METODOLOGIA

A pesquisa realizada baseia-se na análise fílmica do longa *Pacarrete* (Allan Deberton, 2019) utilizando pesquisas teóricas, bibliográficas e cinematográficas. Tendo como objetivo explorar o ponto de vista do estudo das imagens e semiótica (Joly, 2007), a metodologia busca descrever os recursos cinematográficos utilizados pelo diretor, visando apresentar uma visão desconstrução do imaginário brasileiro no contexto do cinema regionalista e a figura do feminino no contexto do sertão. A pesquisa utiliza-se da investigação do espaço ficcional e personagens a partir da construção do feminino no cinema de sertão (Alves, 2023) e analisar a identidade nacional do Nordeste a partir da protagonista sertaneja (Debs, 2010).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO FILME

Da aridez do sertão cearense, surge Pacarrete (2019) - “*forte como um mandacaru*” e com um desejo de ser reconhecida. Em meio à aspereza cultural que aflige comunidades que subestimam seus próprios talentos, a artista luta pelo desejo de apresentar-se no aniversário dos 200 anos de Russas, com o *Ballet de Pacarrete*. Lançado em 2019, com direção do cineasta cearense Allan Deberton, o filme conta a história de uma professora de balé que depois de aposentada volta à cidade natal. Protagonizada por Marcélia Cartaxo, o longa se dedica em relatar os dramas vividos da personagem ao tentar se apresentar na festa de emancipação política do município. Diante de um cenário de desvalorização da arte e do seu trabalho, a artista luta para mostrar a sua importância cultural, enfrentando todos para apresentar o seu “balê”, numa cidade do interior tacanho que não reconhece Pacarrete como artista.

No filme, a força do sertanejo está entrelaçada na poesia de como a história da personagem é contada. Trata-se de um sertão vivo baseado na história real da bailarina Maria Araújo Lima, criada para ser forte e destemida (Alves, 2023, p. 45). No longa, o sertão é exalado através de seus vestidos esvoaçantes com cores alegres e vistosos junto com os melodramas familiares persistentes. As representações de Pacarrete se assemelham aos estudos dos signos de Martine Joly (2007), que tem como princípio fundamental que a imagem é uma combinação complexa de diferentes tipos de signos (imagem heterogênea), incluindo elementos linguísticos, teóricos e visuais. As combinações são essenciais para compreender o filme como um todo. Por exemplo, os vestidos floridos de protagonista podem representar signos interpretados como analogia à alegria, sonho e delicadeza; a cultura sertaneja e francesa. O mesmo que acontece com o chapéu - na imagem do camponês e da moda parisiense. Ainda, os signos presente no objeto que compõem a casa da bailarina, como o espelho (jovialidade), as fitas cassete, as sapatilhas, espaço de ensaio (profissão).

Sendo a protagonista intrínseca ao sertão, a ideia do regionalismo no filme está integrada na forma com que os personagens se comportam e não em torno do espaço ficcional da obra, uma integração entre o uso imagético dos signos e os significados atrelados a Pacarrete. “O sertão de dentro de Pacarrete grita, assim como ela, o tempo inteiro. É uma personagem que combina roupas de diferentes estilos com chapéu de palha enfeitado por pequenas flores e que tem no balé clássico sua paixão” (Alves, 2023, p. 45).

Conseqüentemente, Alves (2023) defende uma ideia de sertão representada por meio de uma linguagem que foge do que conhecemos no cinema nacional, onde o espaço está entrelaçado nas vivências da personagem, como um sertão vivo que transcende além do tempo. A autora ainda frisa que “Pacarrete é cinema nacional, cinema que tem uma figura feminina e é cinema de sertão. Um sertão colorido que remete ao mesmo tempo a contemporaneidade e a outro tempo, um tempo perdido no qual a protagonista se sentia em casa” (Alves. 2023. p.15). Portanto, o “cinema de sertão” assume uma simbologia de abundância frente à carência do sertanejo retratado na cinematografia brasileira.

Se contrapondo a filmes de temática sertaneja, a obra se distancia das narrativas de seca sobre o espaço ficcional. Nesse sentido, Albuquerque (1999) aponta que “pouco se importava com a realidade e a diversidade nordestina, o importante era que os temas mostrassem os espaços de forma impactante”. Assim, a peculiaridade do filme está em trazer conflitos na construção da personagem e quem está a sua volta. Como se a personagem fosse a caracterização do sertanejo, que entrelaça na “sua capacidade quase mimética de adaptar ao sertão” (Debs, 2010, p. 259), ao mesmo tempo que não se sente pertencente ao lugar, Pacarrete reproduz o jeito nordestina de ser - *gasguita*; tem apreço por objetos nordestinos com o chapéu de palha e o colorido do sertão, seja no cenário do filme, nas roupas e no processo de construção da personagem. A atriz, também representa o “bruto” e a forma nordestina de falar e expressar, com garra e vontade de ser vista, notada.

Desse modo, Sylvie Debs (2010) argumenta que a representação do sertanejo no cinema é metonímia, evidenciando “com o caráter moral do sertanejo, a analogia entre a natureza e o homem se impõe uma vez mais” (Debs, 2010, p. 262). Ou seja, o sertanejo é categorizado como alguém que sobrevive em meio a *sequidão*, sempre persistindo em manter e defender os bons costumes conservadores, se dedicando ao trabalho, religião e família.

Para isso, a trama busca abordar várias vertentes da personalidade da bailarina - que faz da calçada sua propriedade, que é tida como louca pelos moradores da cidade, mas na verdade sente a necessidade de gritar para ser ouvida e respeitada como artista. Ela é vaidosa, sempre se apresenta de forma arrumada, vibrante e utiliza o francês para se sentir elegante. Que utiliza-se do espelho, do rádio e da vitrola como meios para

reviver a arte e sua jovialidade. Além disso, tem um vendedor como amigo confidencial, mas enfrenta a falta de compreensão por parte de sua irmã e da empregada, que “é igual aos outros, não valoriza sua arte”, em referência à empregada Maria (Deberton, 2019, s/p).

A sutileza da obra cinematográfica não limita-se em trazer um roteiro poético, como retratar o sertão e seu povo de uma forma singela e sem estereótipos que muitas vezes foram impostos de maneira indevida e demasiada. Os exageros, de fato, estão no sertão dentro da força que Pacarrete transmite e irradia. Para Marcélia Cartaxo a personagem “é um estado de espírito, um estado de ser. Ela é muito contagiante” (Tréz, 2020, s/p). Assim, é contagiante porque mesmo diante das adversidades, mantém-se firme e destemida. É forte pois acredita que “um artista nunca deve desistir dos palcos” (Deberton, 2019, s/p) e espalhafatosa porque faz todos vibrarem pela força da mulher nordestina que floresce mesmo diante dos olhares tortos e desacreditadas na arte regionalista.

Inevitavelmente, não podemos deixar de fazer uma conexão entre Pacarrete e a própria Macabéa, a protagonista do livro *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector (1984), que também foi interpretada por *Marcélia Cartaxo* na adaptação cinematográfica de 1985. As duas figuras femininas compartilham uma busca por seus sonhos na capital, representando a mulher sertaneja - cada uma com sua personalidade única, mas que se complementam por não se intimidaram diante do preconceito, seja ele expresso através de xenofobia ou etarismo.

Dessa forma, um dos pontos de destaque trabalhado é a maneira como o roteiro foi construído, colocando o espectador de encontro com a dolorosa corrida da personagem Pacarrete em busca de aprovação de sua arte. Ao mesmo tempo, temos uma obra que se faz presente em tecer críticas ao etarismo e ao descaso com a cultura, contada de uma forma irreverente que é enaltecida por meio da personalidade da protagonista, vista por muitos da cidade como uma excêntrica. O arranjo entre roteiro e desfecho ficcional se entrelaça justamente com o sentimento de afeto que é desenvolvido pelo telespectador em relação à personagem, “há algo de genuíno na personagem que faz com que não a abandonemos no meio da história, ou até torçamos por ela em alguns momentos, talvez porque reconheçamos esse ‘algo’ dela em nós” (Carvalho, Silvestre, Fávori, 2021, p. 112).

Por conseguinte, como estudo complementar analisa-se a desconstrução imagética do Nordeste ficcional. Sendo estrangeira e nunca pertencente à cidade de Russas, Pacarrete logo passa por constantes adaptações ao sertão, como a volta à cidade, de onde no passado precisou ir embora por nunca se sentir livre. Liberdade esta que encontrou na capital cearense. A personagem sempre foi tida como “diferente dos alunos de sua escola, Pacarrete, fria, obscura, enigmática, e às vezes, melancólica, no mistério de envelhecer rápido, desenvolvia uma infância que corria depressa” (Maranhão, 2014, p. 107 apud Alves, 2023, p. 46). Desta maneira, Russas significa um retrocesso, visto com uma tentativa desviante de ser estrangeira do lugar onde nasceu, mas nunca sentiu-se dali.

Logo que retorna e conforme os sonhos não se concretizam, Pacarrete entra numa melancolia. As roupas já não são mais vibrantes, a trilha sonora do filme documental não é a mesma e o semblante da personagem não tem o brilho de antes, tudo torna-se terroso, obscuro. Os sonhos passam a definhar e a protagonista vive momentos delicados, como a perda da irmã e o abandono da velhice, a personagem descreve essa própria ideia do etarismo: “eu queria ser jovem, voltar atrás. Eu podia tudo. Era importante” (Deberton, 2019).

Nas cenas finais, Pacarrete sobrevive em meio à solidão com o cachorro que adotou nas ruas, um animal que também sofria pelo abandono. Descuidada e desacreditada pela vida, a casa representa um lugar sombrio, com luzes apagadas, tomada pela tristeza e pela loucura da personagem, que dá espaço à solidão. Tudo permanece parado, o tempo passa, mas a personagem se agarra à melancolia. No dia do aniversário de Russas, o som parece perturbar seu sono por não conseguir realizar, talvez, o último sonho: ser acolhida, respeitada e honrada por sua arte.

Por fim, o filme documental encerra-se com a apresentação do Ballet de Pacarrete, com a apresentação da peça *O Lago dos Cisnes*. Enquanto encena, as luzes do teatro se apagam, em meio ao vazio da planeia o filme encerra, com uma mensagem subliminar: o artista nunca deve desistir dos palcos, mas a arte dele pode morrer em meio a desvalorização daqueles que não entendem o quão preciosos personagens como Pacarrete podem se tornar - forte, viva e com um desejo de brilhar, mesmo diante do pouco incentivo de políticas públicas pela arte e pelo indesejo de reconhecer seus artistas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos 39 festivais no Brasil e em outros países, foram 27 prêmios para o filme biográfico (Tréz, 2020, s/p). A história da bailarina que não foi reconhecida em vida pela população de Russas, nascida em uma época na qual o papel feminino era casar e servir fielmente a família, papel esse arraigado principalmente no interior do sertão nordestino. À frente do seu tempo, Pacarrete lutou para fazer da arte a sua vida. Portanto, ao analisarmos a obra e a sua magnitude em colocar a figura da artista na memória coletiva de quem assiste, onde o sertão se faz presente dentro da personagem central, que percebeu no interior uma forma de poder levar a cultura como presente a sua população. “O sertão de Pacarrete é o sertão da revolução feminista. Se no passado o sertão nordestino foi associado à masculinidade, virilidade e violência, o sertão no cinema contemporâneo é um celeiro de personagens femininas protagonistas de suas histórias, seus desejos e sonhos.” (Alves, 2023, p.47).

Por fim, o sertão e a identidade do sertanejo em Pacarrete apresenta-se na sutileza dos vestidos, no modo de falar e na interseccionalidade da cultura nordestina intrínseco nos detalhes filmicos, assim como os estudos do cinema de sertão no feminino, abordado por (Alves, 2023). A seca não aparece, muito menos uma ideia de sofrimento pela fome, vistos dos filmes antigos. Pelo contrário, há abundância e a caracterização de um cinema que usa-se de uma narrativa distinta das impregnadas no imaginário brasileiro ao abordar o sertão. Por outro lado, propõe pensar este cinema como algo a ser explorado de forma verdadeira, versada em narrativas que validem do protagonismo nordestino e feminino, tendo como ponto de partida o questionamento - *como devemos pensar o cinema de sertão sem rotulá-lo a ideia de miséria e sofrimento?*. Este trabalho, em fase de desenvolvimento, pretende justamente trazer essa indagação e reconstruir o sertão, o sertanejo e o Nordeste com uma ficção que se aproxima do real.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 1999.

ALVES, Ítala Raiane Trajano. **Pacarrete é forte como um mandacaru: protagonismo feminino, cinema e sertão**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CARVALHO, Débora Silva; SILVESTRE, Fernanda; FÁVARI, Flávia Eugênia Gimenez de. Margarida ou Mandacaru? **Mais 60 Estudos sobre Envelhecimento**. Vol. 32. Sesc, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/margarida-ou-mandacaru/>. Acesso em: 21 de mar. 2024.

DEBS, Sylvie. **Cinema e literatura no Brasil: os mitos do sertão - emergência de uma identidade nacional**. Belo Horizonte: C/Arte, 2010.

LISPECTOR. Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves, 1984.

LOPES, Denilson; NAGIME, Mateus. **New queer cinema e um novo cinema queer no Brasil**. In: MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus (Orgs.). **New Queer Cinema: cinema, sexualidade e política**. Caixa Cultural, 2015, cap. 2, p. 12-17.

MARANHÃO, Airton. **As pétalas da Pacarrete**. Fortaleza: Premius, 2014

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa. Ed. 70, 2007.

PACARRETE. Direção: Allan Deberton. Distribuição: Vitrine Filmes. Fortaleza: Deberton Filmes, 2019 (97 minutos).

QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. São Paulo. José Olímpio, 2020.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Editora Record, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1994.

TRÉZ. João Gabriel. **“Pacarrete é um estado de espírito”, afirma a atriz Marcélia Cartaxo**. O Povo, Ceará, 2020. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2020/11/25/pacarrete-e-um-estado-de-espírito---afirma-marcelia-cartaxo.html>. Acesso em: 22 de mar. 2024.